

RAIVA DOS HERBIVOROS- EQUINOS DE TRAÇÃO COMO SENTINELAS DA CIRCULAÇÃO DO VÍRUS DA RAIVA NA ZONA URBANA DE PELOTAS

PLÍNIO AMÉLIO OCANHA ÁVILA¹; VERÔNICA LA CRUZ BUENO²; CARLOS EDUARDO WAYNE NOGUEIRA², CASSIANO MORAES DORNELES², WILLIAM AUGUSTO DÖRR², BRUNA DA ROSA CURCIO³

¹Universidade Federal de Pelotas – plinioavila.92@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas- veronicalacruzbueno@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas- cewn@terra.com.br

²Universidade Federal de Pelotas- cassiano.dorneles@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas- william.dorr@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas- curciobruna@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

No Brasil a raiva dos herbívoros pode ser considerada endêmica e em graus diferenciados de ocorrência, de acordo com a região (MAPA, 2009), sendo considerada uma das zoonoses de maior importância em Saúde Pública. Não só por sua evolução letal, caracterizada por uma encefalomielite aguda fatal nos animais e no ser humano, como também por seu elevado custo social e econômico (TEIXEIRA et al. 2015). Os sinais clínicos mais frequentes nos equinos são incoordenação dos membros pélvicos, seguida de paresia e paralisia flácida, decúbito lateral e sialorréia (LANGOHR et al. 2003). Todas as espécies de sangue quente são suscetíveis à raiva, sendo que no Brasil a incidência maior é em bovinos, equídeos e cães. É uma enfermidade passível de prevenção através da imunização de animais domésticos e seres humanos pertencentes aos grupos de alto risco de exposição ao vírus da raiva (SILVA, 2000). O projeto realizado junto ao ambulatório veterinário da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), busca levar aos carroceiros do município um auxílio para minimizar a situação de vulnerabilidade e exclusão social. Através do fornecido de atendimento gratuito aos animais em posse de proprietários cadastrados no projeto.

O objetivo deste trabalho é avaliar a titulação de anticorpos para o vírus da raiva de equinos atendidos no Ambulatório Veterinário do Hospital de Clínicas Veterinária (HCV) UFPel, buscando reafirmar a importância dos equinos como sentinelas para a circulação do vírus da raiva no ambiente.

2. METODOLOGIA

O trabalho foi realizado com 49 equinos de tração, adultos, SRD, oriundos da cidade de Pelotas - RS, todos atendidos no Ambulatório Ceval-Hospital de Clínicas Veterinária (HCV)-UFPel, por meio do projeto de extensão "Vigilância epidemiológica junto à ação interdisciplinar de atenção integral a carroceiros e catadores de lixo da cidade de Pelotas". No primeiro atendimento é realizada a identificação dos animais, biometria, avaliação clínica, vermifugação e vacina para adenite, raiva e tétano. Os mesmos animais são vacinados anualmente. Do total de 49 animais, foram recebidos 28 animais para primovacinação, os quais foram submetidos a coleta de sangue antes de receberem a vacina antirrábica. Foram realizadas coletas de sangue por

venopunção da jugular com agulha vacuttainer 30x8 em tubos de 4ml sem anticoagulante. Os tubos permaneceram em temperatura ambiente até a formação do coágulo, então estes passavam por centrifugação a 5.000 rpm durante 10 minutos para obtenção do soro. O material obtido foi acondicionado em eppendorfs de 2 mL os quais foram devidamente identificados e posteriormente congelados até a realização das análises que foram realizadas pelo Setor de Virologia no Departamento de Medicina Preventiva da Universidade Federal de Santa Maria, a técnica aplicada para a obtenção dos anticorpos foi a soroneutralização.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos animais coletados 28 não eram vacinados para a raiva e destes: 8 animais apresentaram sorologia positiva, 4 animais com titulação >80 e 4 animais com titulação ≤ 10 . Dos 21 equinos vacinados: 10 animais apresentaram sorologia negativa e 11 animais apresentaram sorologia positiva, 9 animais com titulação ≤ 40 , 1 animal com titulação ≤ 10 , 1 animal com titulação >80 .

A técnica de soroneutralização permite avaliar o nível de anticorpos de indivíduos vacinados contra a raiva através da neutralização viral por imunoglobulinas presentes no soro que são capazes de diminuir a capacidade infecciosa do agente causal, esse teste permite fazer a mensuração desses anticorpos neutralizantes do indivíduo e determinar a eficácia de um tratamento profilático ou identificar aqueles que tenham tido contato com o vírus (MS, 2008).

Nos indivíduos vacinados, foram observados dois grupos distintos, sendo que 52% dos equinos vacinados não apresentaram anticorpos contra o vírus, evidenciando a necessidade de uma intensificação no protocolo de vacinação destes animais e um controle mais rigoroso do mesmo. Uma situação mais preocupante ocorreu no grupo de animais não vacinados onde oito animais (29%) apresentaram sorologia positiva, demonstrando que esses animais apresentaram algum contato com o vírus.

A sorologia positiva destes equinos deve ser um sinal de alerta tendo em vista o grande risco para as famílias desta comunidade, por ser a raiva uma zoonose que mata cerca de 55.000 pessoas por ano em todo o mundo (HARARY, 2014). Por ser uma doença em que não há tratamento uma vez iniciados os sinais clínicos, somente em humanos as vacinas antirrábicas são indicadas para o período pós-exposição e também a utilização de soro antirrábico (MAPA, 2015)

Foram reportados até hoje sete casos de cura em humanos em todo o mundo. Nesse contexto é necessária a ampliação de planos de vacinação para herbívoros e animais em geral além da implementação de planos de controle da população de morcegos hematófagos. Pois estes são que são os principais disseminadores da raiva para os herbívoros e são a segunda forma de transmissão para humanos atrás apenas dos cães (MAPA, 2015).

Os resultados de titulação dos equinos não vacinados confirmam a circulação do vírus da raiva nesta comunidade, o que é de extrema relevância, pois dão crédito as ações de controle desenvolvidas e servem como base para a ampliação das mesmas. Por ser a raiva uma doença de grande importância para saúde pública e saúde animal, deve-se interpretar estes resultados como indicativo da necessidade de um controle integrado desta enfermidade.

4. CONCLUSÕES

Na titulação positiva dos animais não vacinados foi possível constatar a circulação do vírus no ambiente e o risco ao qual a população está sendo exposta demonstrando a importância da atuação do equino como sentinela desta enfermidade para a comunidade. Valorizando o programa de vacinação feito pelo Ambulatório Veterinário do HCV da UFPel que além de proteger os animais protege seus proprietários.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brasil, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Controle da raiva dos herbívoros**; cap 1; p. 17; Brasília: MAPA/SDA/DSA; 2009.

Brasil, Ministério da Saúde. **Manual de Diagnóstico Laboratorial da Raiva**. Brasília: Ministério da Saúde; Cap. 5; 2008.

Harary C.M.A. **Eficácia terapêutica de RNAs de interferência (siRNAs) e avaliação da resposta imune em camundongos infectados com vírus da raiva de origem de cão e de morcego**. 2014. Tese (Doutorado em Medicina Veterinária) – Programa de Pós- Graduação em Medicina Veterinária, Universidade Estadual Paulista.

Langohr I.M., Irigoyen L.F., Lemos R.A.A. & Barros C.S.L. 2003. Aspectos epidemiológicos e clínicos e distribuição das lesões histológicas no encéfalo de bovinos com raiva. **Ciência Rural**, Santa Maria, 33(1):125-131.

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). **Revisão Sobre Raiva**. 2015 Acessado em 15 jun. 2015. Online. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/animal/sanidade-animal/programas/controle-raiva-herbivoros-outras-encefalopatias>>.

SILVA, L.P. **Desequilíbrio Ecológico e a Raiva dos Herbívoros No Município De Luis Alves**. 2000. Monografia (Especialização em Sanidade Animal) – Curso de Especialização em Sanidade Animal, Universidade do estado de Santa Catarina.

Teixeira L.H.M, Tomaz L.A.G, Linhares G.F.C, Santos M.F.C, Jayme V.S. Distribuição espaço-temporal dos diagnósticos laboratoriais da raiva animal. **Ciência Animal Brasileira**, Goiânia, v.16, n.1, p.144-157, jan./mar. 2015.